

Astrojildo Pereira e a Revolução Russa de 1917

Felipe Deveza

A Revolução Russa de 1917 chega ao Brasil em meio às notícias da Primeira Guerra Mundial. Parte do movimento operário se posicionou firmemente contra a Guerra.

O antimilitarismo desenvolveu-se como parte essencial da ideologia anarquista no Brasil, e, em 1908, devido a uma série de provocações que afirmavam a iminência de um conflito entre Brasil e Argentina, publica-se o folheto *Não Matarás!*, órgão da Liga Antimilitarista Brasileira¹.

Quando estoura a Primeira Guerra na Europa, os militantes mais ativos da COB² já se posicionavam resolutamente contra a guerra.

No tradicional comício de 1º de Maio [de 1915], do Rio, foi lido e aprovado manifesto subscrito por dezenove entidades operárias e sindicais em quatro jornais, protestando contra o “crime premeditado da burguesia europeia”, declarando solidariedade ao proletariado internacional contrário à guerra, concitando as classes trabalhadoras e todos os homens livres do Brasil a se manifestarem no mesmo sentido. A Confederação Operária Brasileira, entre 14 e 16 de outubro seguintes, efetuou, no Rio de Janeiro, um Congresso de Paz, no qual tomaram parte, além de delegados de vários Estados, representantes da Argentina, Portugal e Espanha. (PEREIRA, 1979, p. xxiv).

Por um lado, estavam os anarquistas, promotores da sindicalização, da greve, da violência revolucionária, da independência da classe operária e da Revolução Social. Por outro, estavam os socialistas, que com esse nome carregavam ideais bastante ecléticos, os quais, com as palavras de Everardo Dias³, foram definidos da seguinte

¹ O Arquivo do CEDEM dispõe de um único número deste jornal *Não Matarás!*, Rio de Janeiro, ano I, n.3, dez. 1908.

² COB – Confederação Operária Brasileira – Uma das primeiras organizações políticas operárias do Brasil, nos primeiros anos do século XX teve os principais nomes do anarquismo entre seus quadros.

³ Militantes anarquistas que se destacaram na última década do século XIX e na primeira do século XX foram Florentino de Carvalho (1889-1947), Neno Vasco (1878-1923), Everardo Dias (1883-1966), Manuel Moscoso (-1912), Edgard Leuenroth (1881-1968) e José Mota Assunção. Esses pioneiros organizaram-se em torno dos periódicos, na maioria das vezes com dificuldades para manterem-se, enfrentando a repressão, o que, em diversos momentos, impossibilitava a continuidade. Mas, entre os inúmeros periódicos editados nesse tempo, alguns conseguiram persistir, tornaram-se núcleos de debate e divulgação dos ideais anarquistas, como *La Bataglia*; *Amigo do Povo*, dirigido por Neno Vasco; *Terra Livre*, publicado por 5 anos; *Avati*; *A Lanterna*; *O Trabalhador* e outros.

Esses periódicos não tratavam de notícias do dia a dia e eram na maioria voltados para as denúncias das mazelas da ordem social urbana vigente, contra o Estado ou a Autoridade (conforme terminologia da época), e para a propaganda dos ideais anarquistas, sem que significasse uma corrente única do

forma:

Daí que os vocábulos – socialista-comunista, anarquista-comunista, libertário, coletivista – fossem usados pelos nossos jornais indistintamente. Os socialistas denominavam-se “marxistas internacionalistas”, da mesma forma que os anarquistas se declaravam “comunistas libertários”. Não se delimitavam muito as esferas ideológicas nem se faziam rigorosas divisões de tendências, como hoje sucede. Nos jornais escreviam anarquistas e socialistas, indiferentemente. Os anarquistas eram mais conhecidos como libertários.

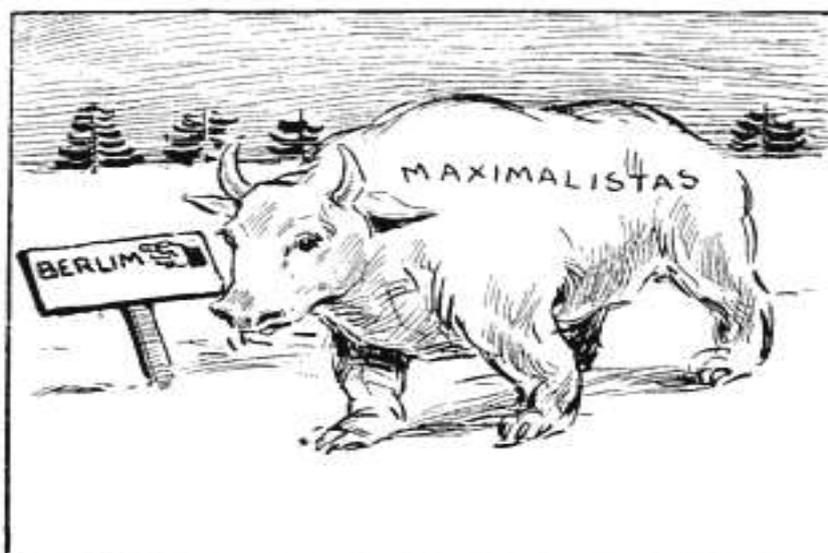
Os “apolíticos” agrupavam-se preferentemente no sindicalismo, ao qual deram forma de ação direta, que predominou desde 1906 até depois da primeira guerra mundial. E foram eles, sem dúvida, que deram maior impulso à organização dos trabalhadores. Sempre manifestavam uma tendência hostil à política e aos políticos. As organizações orientadas pelos sindicalistas moderados – geralmente agrupando proletariado nacional – e que viviam mais ou menos na órbita de certos políticos (isto no Rio de Janeiro) eram denominados “amarelos”. (DIAS, 1977, p. 51-52).

É natural que para as duas correntes do movimento operário, a Revolução Russa e os soviets parecessem mais uma revolução anarquista que socialista.

A Revolução Russa chegou a toda a América Latina através das agências de notícias de países envolvidos na Guerra. E os “maximalistas”, como seriam chamados os revolucionários russos nos países latinos, seriam tratados como agentes da espionagem alemã, como bandidos arruaceiros, e algumas vezes como sonhadores utópicos e infantis.

Até a *Revista Fon-Fon*, que nada tinha a ver com o movimento operário, estamparia algumas charges, entre os anos de 1917-18, que ilustram bem sob quais perspectivas a Revolução Russa foi recebida pela aristocracia cultural desses anos.

movimento. Entre os autores, estava Kropotkin, muito lido entre os militantes anarquistas latino-americanos.



Tudo indica que o partido germanófilo russo nada mais tem a fazer senão voltar para casa.

Charge publicada em Fon-Fon que relaciona os “maximalistas” como o gado da Alemanha⁴

Foi o militante da COB, um jovem anarquista fluminense, Astrojildo Pereira, que, através da crítica e da investigação, procurou esclarecer o que estava realmente ocorrendo na distante Rússia, governada pelo regime absolutista dos Tzares e que desde fevereiro de 1917 parecia oscilar entre o caos, um regime liberal “de tipo ocidental” e uma novidade que começava a se tomar conhecimento com o nome de *soviets*.

O Brasil acabava de declarar guerra à Alemanha quando começaram a surgir as notícias sobre os *maximalistas* russos⁵. (DULLES, 1977, p. 62). As notícias descreviam a derrota de Lenin e dos *maximalistas*, informava que os cossacos estavam prestes a invadir São Petersburgo, que Kerenski, Kornilov e outros estavam liquidando os partidários de Lenin, e, principalmente, que Lenin era um “perigoso agente alemão”.

O jornal diário de Vicente Piragipe, *A Época*, fazia alarde contra qualquer “espionagem alemã”, delatava qualquer oposição com acusações de traição e germanismo e, nessa linha, qualquer intenção de saída dos russos da guerra era obra de

⁴ Fonte: Fon-Fon ano XI, n. 46, Rio de Janeiro: 17 nov. 1917.

⁵ Em todos os países latinos, a palavra “maximalista” foi usada, tanto pela imprensa comercial quanto pela imprensa operária. Provavelmente, tem origem em uma tradução francesa do próprio movimento operário, e se refere à contraposição, programa máximo (ou revolucionário) e mínimo (reformas e conquistas parciais). Essa terminologia foi comum nos debates do movimento operário do início do século, e podemos encontrar com facilidade essa divisão em diversos autores. Ao traduzir, entendeu-se que bolchevique (maioria em russo) referia-se ao caráter revolucionário do programa, e por isso se assimilou esse termo com tanta facilidade. A partir de 1921-22, o termo maximalista vai desaparecer e a palavra comunista passará a prevalecer.

agentes alemães. Kerenski era tratado como um herói ⁶.



Charge de *Fon-Fon* em que um “maximalista” russo está sendo manipulado por um mascarado em Brest-Litovski⁷

⁶ No dia 12 de novembro de 1917, o jornal *A Época* noticiava: “OS ANARCHISTAS DE PETROGRADO A BRAÇOS COM OS COSSACOS – KERENSKI, NO QUARTEÍ. GENERAL – Notícias recebidas de Petrogrado dizem que na noite de 10 do corrente, o sr. Kerenski conseguiu fugir da capital numa ambulância automóvel e chegou são e salvo ao quartel general. † Actnnutnente, o chefe do governo provisório dispõe dc duzentos mil homens dedicados [...] que conseguiu escapar da censura leninista, anuncia que os cossacos, com o auxílio dos minimalistas, estão prestes a dominar os bolcheviques, com os quais tem travado batalha nas ruas da capital. [...] TROPAS QUE MARCHAM SOBRE PETROGRADO) E TROPAS F1EIS AO GOVERNO PROVISÓRIO [...] o sr. Kerenski chegou quarta-feira a sudoeste da capital. As guarnições das duas cidades declaram-se fieis ao governo provisório. A divisão cossaca da Finlândia marcha sobre Petrogrado, afim de dar combate aos revolucionários, a própria guarnição da capital, que a principio favorece, os maximalistas, começa estar hesitante”.

⁷ Fonte: *Fon-Fon*, ano XII, n. 3, Rio de Janeiro: fev 1918.



Jornal A *Época* apresentando Kerenski como a “alma da democracia Russa”⁸

No natal de 1917, o jornal noticiava a subserviência dos “maximalistas na Conferência de Brest-Litovsky”⁹.

As notícias eram confusas e reproduziam as informações que interessavam aos aliados em relação à permanência da Rússia no *front* contra a Alemanha. Qualquer

⁸ Fonte: A *Época*, n. 1992, Rio de Janeiro: 25 dez. 1917.

⁹ A *Época*, n. 1992, Rio de Janeiro: 25 dez. 1917.

manifestação em direção à paz ou à retirada da Rússia da Guerra, de forma independente, era considerada traição à pátria, *germanismo* e espionagem alemã.

Foi nesse difícil contexto de confusão e propaganda contra os bolcheviques que Astrojildo Pereira escreveu uma série de cartas argumentando sobre as mentiras e incoerências no que se dizia sobre a Rússia e sobre Lenin. Apenas um jornal publicou uma de suas cartas, o *Jornal do Brasil*. Astrojildo resolveu reuni-las em uma pequena brochura, publicando por conta própria e difundindo no meio operário em 1918, com a seguinte introdução:

As páginas que formam este folheto foram escritas em dias espaçados, no interregno de tempo contado de 25 de novembro do ano findo até 4 de fevereiro último.

Algumas delas foram enviadas, em forma de cartas, aos jornais rebatendo injúrias ou deslindando confusões. Reunidas e coordenadas nesta brochurinha, creio valerão como um documento e protesto mais duradouro contra as calúnias e imbecilidades de que se tem servido a nossa imprensa nas apreciações sobre a obra dos maximalistas russos... (PEREIRA, 1918, p. 1)¹⁰.

O interesse de Astrojildo pelo tema se justificava pela repercussão que a Revolução começava a alcançar no mundo. A partir de fevereiro de 1917, estava claro para todos que acompanhavam a guerra que a autocracia czarista havia sido substituída por um regime de tipo liberal, visto com bons olhos pelos aliados da Tríplice Entente.

Em uma e outra notícia, a imprensa falava de “extremistas”, de anarquistas ou socialistas, mas até o mês de novembro era o nome de Kerensky que ocupava o centro das notícias sobre o *front* oriental. Em abril, o nome de Lênin começou a surgir como “espião alemão” e “agente do kaiser” na imprensa brasileira. Em julho, em *O Combate*¹¹, afirmava “Lenin está preso”. Em 1º de outubro de 1917, no mesmo jornal aparecia uma foto falsa de Lenin: “o Governo russo prende o traidor Lenin” (MONIS BANDEIRA, 1967, p. 91).

A desinformação, intencional ou não, era sem limites, e a partir de novembro, com a notícia da tomada de poder pelos “maximalistas”, os termos maximalistas, minimalistas, Trotsky e Lenin passaram a se tornar comuns. Monis Bandeira sintetiza bem a lógica da imprensa brasileira.

O País, cabeça pensante da política nacional, o jornal onde Rui Barbosa escrevia, era o órgão por excelência das classes dominantes.

¹⁰ Esse texto está reproduzido integralmente ao final desta tese, na parte dos anexos.

¹¹ *O Combate*, Rio de Janeiro: 27 set. 1917.

Somente via na revolução russa, como aliás, quase toda a imprensa, as repercussões políticas internacionais, do ponto de vista da guerra mundial e dos Aliados, abstraindo-se, quase que inteiramente, do significado social. O seu comentarista, Alexandre de Albuquerque, no artigo a que deu o nome de “Salada Russa”, limitou-se a profetizar que a História ignoraria Lênin e exaltaria Kerenski. (MONIZ BANDEIRA, 1967, p. 105).

Em meio à desinformação e à confusão, as cartas de Astrojildo procuraram entre as evidências e as incoerências, com pouca informação, ligar os pontos, montar o quebra-cabeça e alcançar o significado daqueles acontecimentos na distante Rússia e a identidade daqueles personagens.

Com a prática na militância do movimento operário, em que sofria constantes calúnias da imprensa dominante, Astrojildo já havia se tornado um crítico arguto dos interesses por trás das manchetes dos jornais de maior circulação. A argumentação é de uma clarividência impressionante, quando comparamos com os artigos publicados na imprensa dominante da época.

Em primeiro lugar, sob o pseudônimo de Alex Pavel, Astrojildo expõe o sentido pernicioso da acusação de “espionagem alemã” que inundava a imprensa:

Saudada quando rebentou e deu por terra com czarismo dominante, a Revolução Russa é hoje objeto das maldições da nossa imprensa, que nela só vê fantasmas de espionagem alemã, bicho perigoso de não sei quantos milhões de cabeças e de garras. Provavelmente os nossos jornais desejariam que se constituísse, na Rússia, sobre as ruínas do Império, uma flamante democracia de bacharéis e de negociantes, como a que tem por presidente o sr. Wilson, ou como esta nossa, presidida pela sabedoria inconfundível do sr. Wenceslau. A caída do nosso Império e a implantação desta nossa República, sem gota de sangue, com uma simples e vistosa procissão na rua, parece ter-se tornado, aos olhos dos nossos jornalistas, o padrão irrevogável pelo qual se devem guiar as revoluções antidinásticas que se forem efetuando pelo mundo. Como a Revolução Russa, ao contrário disso, tem tomado um caráter profundo, de verdadeira revolução, isto é, de transformação violenta e radical de sistemas, de métodos e de organismos sociais, levada para diante aos empurrões, pelo povo, pela massa popular, eis que os nossos jornais desabam sobre ela, de rijo, toda a fúria da sua indignação democrática e republicana. É que os nossos jornais partem dum ponto de vista errado, supondo que o povo russo tem a mesma mentalidade do povo brasileiro de 89, que assistiu, “bestializado”, à proclamação, por equívoco, desta bela choldra que nos desgoverna. (PEREIRA, 1918, p. 1).

E, para comprovar que essa acusação era falsa, utilizou o argumento de que:

Lenin, um velho socialista militante de mais de 20 anos, e como tal, ferozmente perseguido pela autocracia moscovita, mas sempre o mesmo homem de caráter indomável e intransigente¹².

Como pode, pois, entrar nos cascos de alguém que um homem destes, precisamente quando vê seus caros ideais em marcha, a concretizar-se, numa soberba flor ação de energia vital, vá vender-se a um governo estrangeiro? Lenin, se quisesse vender-se algum dia, bastava esboçar o mais leve sinal e o governo de São Petersburgo recheiar-lhe-ia os bolsos fartamente, vencendo pelo dinheiro o inimigo implacável. Não precisava esperar, através de anos inteiros de perseguições e sofrimentos que a revolução social dos seus sonhos se iniciasse para entregar-se ao marco prussiano, como um vulgaríssimo trampolheiro, como um jornalista qualquer, destes que abundam na imprensa desta terra. (PEREIRA, 1918, s.p.).

Desfazer a pecha de traidor era o primeiro passo, o segundo seria identificar e defender a ideologia que os revolucionários russos propagavam, e é a partir dessa parte que fica evidente a impressão, entre os anarquistas brasileiros, de que aqueles revolucionários eram uma espécie de anarquistas também¹³.

Nessa fase dos debates entre anarquistas e socialistas no Brasil, embora os segundos fossem pouco expressivos no movimento operário, era claro para os anarquistas que a oposição entre anarquistas e socialistas estava relacionada à oposição entre reforma e revolução; certa defesa da participação na Guerra e antimilitarismo; aceitação ou não da autoridade e autogestão.

A revolução “maximalista” possuía todas as características de um movimento anarquista: Revolução Social (na terminologia anarquista), oposição à Guerra, internacionalismo e, principalmente, a derrubada do governo (primeiro a autocracia czarista, depois o regime burguês de Kerensky para a organização de um governo de conselhos, soviético).

¹² No original, Astrojildo coloca a seguinte nota: *A Luta*, jornal burguês de Lisboa, estampou os seguintes dados biográficos sobre Lênin: “A autocracia, talvez, por instinto, descobriu um inimigo terrível’ na pessoa de Lênin, quando ele não contava mais de 17 anos de idade. Expulsou-o em 1867 (?) da Universidade de Kazan, com privação do direito de admissão em qualquer outra universidade pelo motivo de seu irmão ter sido executado como criminoso político. Lênin – cujo verdadeiro nome é Ulianov – consagrou-se muito cedo ao estudo do desenvolvimento econômico da Rússia, e muito jovem ainda, tornou-se um perigoso discípulo de Karl Marx. Escreveu muitos folhetos e livros; mas a sua principal obra é um grosso volume intitulado *A Evolução do Capitalismo na Rússia*, editado em 1881 com o pseudônimo de V. Iline, trabalho sobretudo acadêmico, cheio de números, todo ele apoiado em estatísticas. Mas a atividade de Lenin não se limitou à de economista sábio, e, atraído pelo movimento revolucionário, condenam-no a 4 anos de deportação na Sibéria. De regresso destas paragens, passou ao estrangeiro e fêz-se chefe ativo da Social-democracia russa (Transcrito pelo *Cosmopolita*, 15 jan.).

¹³ Astrojildo Pereira cita Kropotkin para explicar a Revolução Russa. Ver anexos.

Astrojildo é claro no diagnóstico do que entendia acerca da Revolução:

A revolução, como se viu, de começo manietada pelo Lvov, pelos Rodzianko, pelos Miliukov, pelos Kerenski, integrou-se finalmente nas mãos da plebe, tomando uma orientação verdadeiramente popular e libertária, – antiguerrista, antiburguesa, antiautoritária. Nada mais lógico, nem mais justo, pois, que se declarem anulados todos os convênios e tratados anteriormente concluídos entre os governantes da Rússia e os governantes de outras nações. (PEREIRA, 1918, s./p.).

E, finalmente, extremamente perspicaz, aponta o significado da Revolução Russa, que por um lado concretizava a utopia como possibilidade realizável e por outro “*marca o início da maior revolução social da história*”. (MONIZ, 1967, p. 317).

Em 1918, a brochura de Astrojildo foi a informação mais correta dos acontecimentos russos e também a que melhor percebeu o significado da Revolução Russa para o futuro da história mundial.

Para Astrojildo, a Revolução ainda era anarquista, e, até que os primeiros simpatizantes dos *maximalistas* rompessem com os anarquistas, ainda haveria muitos debates.

ANEXO:

Alex Pavel (Astrojildo Pereira), Rio de Janeiro, 1918.

Explicação:

As páginas que formam este folheto foram escritas em dias espaçados, no interregno de tempo contado de 25 de novembro do ano findo até 4 de fevereiro último.

Algumas delas foram enviadas, em forma de cartas, aos jornais rebatendo Injúrias ou deslindando confusões. Reunidas e coordenadas nesta brochurinha, creio valerão como um documento e um protesto mais duradouro contra as calúnias e imbecilidades de que se tem servido a nossa imprensa nas apreciações sobre a obra dos maximalistas russos...

A Revolução Russa e a Imprensa Carioca

Jamais, jamais se viu na imprensa do Rio tão comovedora unanimidade de vistas e de palavras, como, neste instante (1) a respeito da revolução russa. Infelizmente, tão comovedora quanto deplorável, essa unanimidade, toda afinada pelas mesmíssimas cordas da ignorância, da mentira e da calúnia. Saudada quando rebentou e deu por terra com o czarismo dominante, a revolução russa é hoje objeto das maldições da nossa

imprensa, que nela só vê fantasmas de espionagem alemã (II), bicho perigoso de não sei quantos milhões de cabeças e de garras. Provavelmente os nossos jornais desejariam que se constituísse, na Rússia, sobre as ruínas do império, uma flamante democracia de bacharéis e de negociantes, como a que tem por presidente o Sr. Wilson (III), ou como esta nossa, presidida pela sabedoria inconfundível do Sr. Venceslau (IV). A caída do nosso Império e a implantação desta nossa República, sem gota de sangue, com uma simples e vitoriosa procissão, parece ter-se tornado, aos olhos de nossos jornalistas, o padrão irrevogável pelo qual se devem guiar as revoluções antidinásticas que se forem efetuando pelo mundo. Como a revolução russa, ao contrário disso, tem tomado um caráter profundo, de verdadeira revolução, isto é, de transformação violenta e radical de sistemas, de métodos e de organismos sociais, levada para diante aos empuxões, pelo povo, pela massa popular — eis que os nossos jornais desabam sobre ela, de rijo, toda a fúria da sua indignação democrática e republicana. É que os nossos jornais partem de um ponto de vista errado, supondo que o povo russo tem a mesma mentalidade do povo brasileiro de 89, que assistiu, “bestializado”, à proclamação, por equívoco, desta bela choldra que nos desgoverna (V). Não; o povo russo é um povo de memoráveis tradições revolucionárias, cuja mentalidade, formada através das mais ásperas e mais empolgantes batalhas libertárias destes últimos cem anos, não pode satisfazer-se com o regime falsamente democrático da plutocracia, regime de espoliação em nome da igualdade perante a lei, de embuste e burla eleitoral e de parlamentarismo vazio, palavreiro, desmoralizado, safadíssimo...

Já em 1869, há quase meio século, escrevia Bakunin (VI), um dos grandes precursores da atual revolução, e que se achava então na Suíça, exilado:

“Eles (os revolucionários) querem nem mais nem menos que a dissolução do monstruoso Império de todas as Rússias, que, durante séculos, esmaga com seu peso a vida popular, não conseguindo, porém, extinguí-la de todo. Eles querem uma revolução social tal que a imaginação do Ocidente, moderada pela civilização, apenas consegue pressentir”. “Um pouco mais de tempo... e então — então ver-se-á uma revolução que sem matéria de dúvida ultrapassará tudo quanto se conhece até aqui em matéria de revoluções” (2).

Agentes Alemães

Uma das teclas mais batidas pelas ilustríssimas gazetas do Rio, quando se referem à

revolução russa, é a de que os bolcheviques em geral e Lênin em particular são agentes do governo alemão. Ora, há em tudo isso, a par do evidente contra-senso, um crasso desconhecimento dos fatos. Lênin é um velho socialista militante de mais de 20 anos, e como tal, ferozmente perseguido pela autocracia moscovita, mas sempre o mesmo homem de caráter indomável e Intransigente. (3)

Como pode, pois, entrar nos cascos de alguém que um homem destes, precisamente quando vê seus caros ideais em marcha, a concretizar-se, numa soberba floração de energia vital, vá vender-se a um governo estrangeiro? Lênin, se quisesse vender-se algum dia, bastava esboçar o mais leve sinal e o governo de São Petersburgo rechearia os bolsos fartamente, vencendo pelo dinheiro o inimigo implacável. Não precisava esperar, através de anos inteiros de perseguições e sofrimentos, que a revolução social dos seus sonhos se iniciasse para entregar-se ao marco prussiano, como um vulgaríssimo trampoleiro, como um jornalista qualquer, destes que abundam na imprensa desta terra. Os cascos do mais espesso jumento repelirão, por demasiada, tal sandice... Aos nossos jornalistas, a honra de a fecundarem! — E grande honra, essa, que a Revolução, ao extravasar os oceanos e ao vir sacudir-nos da bestialização republicana, saberia decerto, regiamente e merecidamente recompensar...

Inconveniência e Imbecilidade

Interessantíssimo o artigo estampado há dias em O Imparcial (4) sobre a situação russa. Notório e acérrimo defensor da “ordem social”, O Imparcial serve, assim, valentemente, à causa do Estado, de que é um dos esteios e na qual tem empregados sérios interesses. E tanto mais valentemente quanto é certo que, brigando contra os fermentadores de revolta, briga também contra a lógica e contra a verdade dos fatos Exemplo flagrante disso é o trecho seguinte do citado artigo: “A Rússia era uma nação governada pelo Knut. Sacudido o jugo dos Romanov, entregou-se à embriaguez da emancipação, com todos os seus excessos. Falta-lhe cultura moral necessária para disciplinar a liberdade sob autoridade, e para compreender que um governo acatado e leis obedecidas são condições indispensáveis à existência de uma nação livre. O espírito militar extinguiu-se no Exército, destruindo-lhe a força de agressão, e até o estímulo de resistência”. Eu sublinho as palavras que me parecem mais comprometedoras...

Acho estupendo que se julgue a emancipação capaz de causar embriaguez. Isso é querer

compara-la ao álcool, ao vinho, ao vodca, que embriagam aos viciados, (permanentes ou momentâneos, pouco importa), isto é, aos escravos da bebida. Ora, um escravo, se me não engano, é tudo quanto há no mundo de menos emancipado. Não, a emancipação não pode jamais embriagar. Ela é água límpida, refrigerante, saudabilíssima...

Não menos estupendo acho eu o conceito de disciplinar sob a autoridade. Essa é a linguagem de todos os tempos, isto é, dos grandes inimigos da liberdade. Liberdade disciplinada é liberdade limitada, coartada, imposta — de onde resulta deixar de ser liberdade. E não falemos em liberdade sob a direção da autoridade... A autoridade, por sua origem, por sua função essencial e formal, por seu papel histórico, representa precisamente e concretamente o princípio oposto ao princípio de liberdade. Pode dizer-se que a autoridade e a liberdade são dois antípodas da história da humanidade. Essa mesma história prova-o abundantemente: toda e qualquer conquista da liberdade implica necessariamente em diminuição de autoridade. A autoridade é força manejada pelo arbítrio de alguns; é violência, compreensão, é brutalidade, é imposição — tudo quanto há de menos liberdade.

O espírito militar extinguiu-se no Exército russo... — é verdade, e felizmente, muito felizmente. Eu sou antimilitarista e alegro-me imensamente com tão auspicioso acontecimento. E desejo ardentemente que o mesmo aconteça na França, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, nos Estados Unidos, no Brasil... no mundo todo. O que, porém, não posso compreender, por mais esforço que faça, é que O Imparcial, que combate o espírito militar, existente no povo alemão, como um perigo universal, entenda que o desaparecimento desse espírito militar, na Rússia, constitui um mal. De duas uma: ou o espírito militar (ou militarismo, que tudo é um) é um bem, ou é um mal. Se é um mal (como afirmam os aliados referindo-se à Alemanha), o seu desaparecimento, ou a sua não existência num país qualquer (como é o caso da Rússia, segundo afirma O Imparcial) constitui um motivo de felicidade inestimável, e deve, assim, ser louvado por toda a gente amiga da humanidade e da liberdade. Se, ao contrário, o espírito militar é um bem, ele deve ser louvado, claro está — mas deve ser louvado também na Alemanha, que, incontestavelmente, é a pátria mestra em militarismo, mestra cujos exemplos devem ser seguidos por quantos entendam que o espírito militar é um bem. Combater o militarismo tedesco e, ao mesmo tempo, louvar e incitar (o que têm feito os aliados, inclusive agora o Brasil por nossa desgraça) o espírito militar no resto do mundo, eis uma incoerência que não posso compreender, por mais esforços que faça...

Enfim, bem pode ser que eu seja o imbecil!

A Divergência Fundamental

“É evidente que a concepção dos maximalistas (VIII) sobre a liquidação da guerra diverge muito da de Berlim e Viena.” Eis o que afirmava a agência Havas, em telegrama de Paris, datado de 7 de dezembro último e aqui publicado. pelos jornais seus clientes. no dia seguinte. É uma informação absolutamente insuspeita, pois parte dum agência francesa officiosa, cujos despachos são diretamente controlados pelo governo de França. Ora, se “é evidente” a divergência entre os maximalistas e os governantes de Berlim e Viena, a respeito da liquidação do conflito guerreiro, isso quer dizer, nem mais nem menos, que os maximalistas pensam e querem que a guerra termine dum modo diverso do modo que pensam e querem os governantes alemães e austríacos. Divergir é pensar e querer a mesma coisa de maneira diferente, e quando duas pessoas, ou grupos de pessoas, ou duas coletividades, têm firmado, sobre o mesmo assunto, um pensamento e uma vontade divergentes, isso significa que não existe acordo entre as duas partes, o que se dá agora entre Berlim e Viena, dum lado, e Petrogrado, do outro: entre maximalistas e governantes tedescos não existe concordância de opinião sobre a guerra e a paz, Nem poderia jamais existir concordância entre uns e outros; os maximalistas socialistas revolucionários batendo-se por um programa máximo (5) de reivindicações populares — os imperantes austro-alemães, a personificação culminante da autoridade, da tirania, da opressão, da espoliação das massas populares. O programa essencial de todos os partidos socialistas consiste precisamente no combate dos instrumentos e aos partidos da tirania e da espoliação. Os maximitilsias que formam uma fração dos socialistas russos, são por sua natureza, especificamente inimigos de todos os governos monárquicos e plutocráticos, da Rússia e de fora da Rússia, portanto inimigos naturais dos governantes de Berlim e de Viena, E é aí que resulta a divergência radical entre uns e outros, sobre a guerra e a paz. Ora, se isso é verdade, se isso constitui um fato evidente, como conceber que os maximalistas sejam agentes alemães, agindo por influxo do marco prussiano, traidores da pátria e outras coisas não menos feias? (6)

“Alteração” Maximalista e “Evolução” Aliada...”

Petrogrado, 23 de dezembro (Havas) — Discursando nesta capital a respeito das negociações de paz com os impérios centrais, o Sr. Trotski disse: “A revolução russa

não derrubou o Czar para cair de joelhos ante o Kaiser, implorando paz. Se as condições oferecidas não forem conforme os princípios da revolução, o partido maximalista recusará assinar a paz. Fazemos guerra a todos os imperialismos”. Como se vê, este telegrama, da mesma insuspeitíssima (no caso) agência, veio confirmar, com as próprias palavras de Trotski, os comentários que o telegrama do dia 7 me sugerira. Na sua edição de 24 de dezembro, A Noite, desta cidade, assim se exprimia: “O programa de paz dos maximalistas, apresentado à conferência (de Brest-Litovski, inaugurada nesse dia) (IX), podia ser aceito, com pequenas alterações, por todos os países aliados. Nunca poderá ser aceito, porém, pelos Impérios Centrais, porque elas repousam sobre bases democráticas contrárias, em absoluto, ao imperialismo que domina Berlim e Viena”. É outro testemunho insuspeitíssimo, contra conceitos próprios anteriormente expendidos e confirmando integralmente o que eu dissera nos comentários do dia 9... Uma observação curiosíssima. Referindo-se às condições de paz expostas simultaneamente pelo Sr. Lloyd George (X), no Congresso dos Sindicatos Operários Ingleses, e pelo Sr. Wilson, na mensagem ao Congresso Americano, O Imparcial de 10 de janeiro último estampa, entre outras coisas do maior interesse, esta: “Alguns órgãos da imprensa aliada, por um excesso de zelo que prejudica em vez de favorecer a causa comum, nos comentários bordados sobre essas solenes declarações, procuram mostrar que a Entente (XI) não modificou uma linha dos seus propósitos anteriores assentados sobre a guerra. Basta reler com atenção o discurso do primeiro-ministro inglês e a mensagem ao Congresso Americano, para ver que os aliados evoluíram nos seus programas”... Ao ver divulgado o programa de paz apresentado pelos maximalistas, A Noite, a 24 de dezembro, afirmava que tal programa “podia ser aceito, com pequenas diferenças, por todos os países aliados”. Realmente, três semanas depois, a Inglaterra e os Estados Unidos, e com eles os demais aliados, aderiram ao programa russo. Aderiram, é claro, com alterações — não pequenas, mas grandes — e alterações da parte deles, aliados, como confessa O imparcial, quando diz, com deliciosa candura, que ‘os aliados evoluíram no seu programa...

A Mensagem de Wilson

A mensagem do Presidente Wilson, aqui publicada no dia 9 de janeiro, é que veio entupir de vez as goelas dos miseráveis escribas de penas permanentemente votadas à

calúnia. Eu não resisto ao desejo de transplantar para estas páginas os trechos da mensagem em que se toca nos russos e na conferência de Brest-Litovski. Vale a pena dar-lhes relevo:

“Os representantes da Rússia em Brest-Litovski apresentaram não só uma exposição perfeitamente definida e clara dos princípios sobre os quais eles estariam dispostos a concluir a paz, mas também um programa igualmente nítido e preciso sobre o modo concreto desses princípios poderem ser aplicados”.

... “As negociações foram quebradas. Os representantes da Rússia eram sinceros e como tais não podiam seriamente dar incremento”, etc...

... “Os representantes russos têm insistido, muito justa e sabiamente e dentro do espírito da moderna democracia, em que as conferências que eles têm celebrado com os estadistas teutônicos e turcos deviam ser celebradas a portas abertas, tendo por auditório todo o mundo, como se desejava”...

... “Há, além disso, uma voz a reclamar essas definições de princípios e propósitos que, em minha opinião, é mais comovente e intimativa do que qualquer das muitas vozes tocantes que povoam o ambiente do mundo. É a voz do povo russo”... “Ele não cede nem nos princípios nem na ação. A sua concepção do que é justo, do que é humano, do que é honroso aceitar, já foi exposta com uma franqueza, uma largueza de vistas, uma generosidade de espírito, uma universal simpatia humana que há de provocar a admiração de todos os amigos da humanidade. Tem ele recusado transigir nos seus ideais, ou abandoná-los para garantir a sua própria segurança”...

Depois disso, não há senão que subscrever e seguir as recomendações feitas pelo Cosmopolita... (7), ao comentar estes mesmos trechos da mensagem de Wilson: “Tornando... às imbecilidades estampadas na imprensa carioca, só nos resta recomendar aos nossos amigos e camaradas esses senhores jornalistas dos rotativos: por enquanto o desprezo e o desdém... e mais tarde, na hora solene do grande e próximo ajuste de contas, então, sim — saibamos tirar proveito da rijeza combativa dos nossos músculos”.

O Desmembramento do Colosso

Uma das conseqüências da revolução russa que mais assombro e indignação causam aos nossos jornalistas, é a do desmembramento do ex-império. Eles põem as mãos na cabeça, desorientados, ao lerem os telegramas que noticiam a independência e

autonomia da Finlândia, do Cáucaso, da Sibéria, da Ucrânia... E as apóstrofes de maldição desabam sobre os maximalistas, “monstros satânicos” e cruéis, provocadores da derrocada da própria pátria! Isto se tem dito e redito em vários tons, graves e agudos, descompassados todos... Ora, esses mesmíssimos jornalistas açambarcadores da opinião, cuja vacuidade mental e cuja barriga não inferiores nem à barriga, nem à vacuidade mental dos açambarcadores de açúcar ou de charque, são esses mesmíssimos plunitivos superaliadófilos que proclamam, desde há três anos e meio, baterem-se os aliados pelo direito das nacionalidades, pelo princípio das nacionalidades, pela independência das nacionalidades! De duas uma: ou tais pregoeiros são insinceros, quando defendem a causa aliada da independência dos povos, ou então ignoram inteiramente a história, a constituição e a organização do ex-império de todas as Rússias. Isto é, pode ser por um terceiro motivo: a insinceridade e a ignorância juntas. Eu estou certo de que, mesmo quando se lhes prove, documentos na frente (8), que a Rússia de ontem era um heterogêneo de nacionalidades, eles continuarão, cegos e surdos às boas razões (mas de olhos arregalados e ouvidos aguçados ao tilintar dos esterlinos...) a apostrofar a “insensatez”, a “loucura”, a “infâmia”, a “traição”, e não sei mais que outros tremendos pecados dos maximalistas!

A “Tração” dos Aliados

Todos os tratados e convênios, secretos ou não, firmados pela Rússia e pelas nações da Entente, datam do governo autocrático do Czar, Mas o governo autocrático do Czar caiu, e debaixo de palmas dos aliados, pela vontade revolucionária do povo russo, num soberbo quebrar de cadeias tirânicas. A revolução, como se viu, de começo manietada pelos Lvovs, pelos Rodziankos, pelos Miliukovs, pelos Kerenskis, integrou-se finalmente nas mãos plebe, tomando uma orientação verdadeiramente popular e libertária — antiguerrista, antiburguesa, antiautoritária. Nada mais lógico, nem mais justo, pois, que se declarem anulados todos os convênios e tratados anteriormente concluídos entre governantes da Rússia e os governantes de outras nações. O governo do Czar era um governo de tirania, constituído fora da vontade, contra a vontade da massa da população, e por isso acabou sendo derrubado por essa massa; conseqüentemente, todos os atos, todos os contratos firmados no tempo do Czar o foram pela vontade exclusiva da tirania dominante e contra a vontade do povo. Desde, pois, que a tirania foi vencida e o povo triunfou aqueles tais atos e contratos, conluio e

entendimentos, por sua própria natureza, por seu próprio mal de origem ficaram desfeitos e anulados. É um ponto, este, deploravelmente olvidados pela imprensa, quando se refere, furiosa, à “traição ignóbil e abominável” feita pelos comissários do povo russo aos aliados... Aos governantes aliados, entenda-se!

As Utopias Deliciosas e Alegres...

“Foi de fato a revolução russa, com todos os seus trágicos sucessos, o acontecimento que mudou a face das coisas, começando a tornar possíveis programas, transformações sociais, momentos de independência política e sistemas de governos que já nos primeiros meses da guerra continuavam a ser considerados como utopias deliciosas e alegre.”

“Esqueciam-se os que assim pensavam que, igualmente como utopias consideradas foram, no seu início, todas as grandes conquistas da humanidade e da civilização.” Estas palavras — *mirabile dictu*— são rigorosamente transcritas de O País, da apreciação com que o famigerado órgão encabeçava as notícias de revolução na Áustria. (9) Apenas o redator de O País devia ter escrito: “esquecíamos, os que assim pensávamos”... menos esta restrição, aliás secundária, não há como louvar a agudeza de vistas e a rara franqueza do comentador. Porque tais conceitos destoam completamente em geral expendidos pela imprensa, quando nos chegam notícias de realização e concretização das antigas utopias socialistas e anarquistas... Antes da guerra, toda a imprensa graúda, e com ela seus sacerdotes maiores e menores e mais os seus devotos, riam-se (às vezes, choravam também), com um superior e piedoso desdém, das idéias e dos ideais dos utopistas, dos sonhadores, dos visionários, dos aluarados, dos quimeristas... E quando não era o riso escarninho, sabemo-lo todos, substituía-o a pancadaria grossa das calúnias, das infâmias, dos insultos, dos doestos, das ameaças. Rebentada a guerra, o riso se estendeu abertamente até a gargalhada estrondosa: foram dados como falidos de vez, e sem mais remédio, o socialismo, o anarquismo, o internacionalismo, o antimilitarismo... Debalde os anarquistas e só os anarquistas (porque os próprios socialistas, com pouquíssimas exceções, e até mesmo porque alguns anarquistas, aderiram todos mais ou menos à guerra e ao Estado), gritaram e afirmaram a integridade de suas convicções e das suas esperanças; os apodos recrudesceram, e com os apodos sabicholas da letra de fôrma, a perseguição, a cadela, a morte... A guerra, porém, levada a excessos inauditos, acabou por provocar a revolução russa, revolução

social e não apenas política e antidinástica, que fatalmente se estenderá pelo mundo inteiro, arrasando tudo, transformando tudo, reconstruindo tudo sobre bases novas. Pois bem: neste momento, quando nos chegam da Rússia notícias de caráter libertário, de socialização da propriedade, de entrega de terras aos lavradores e das fábricas aos operários, de administração da produção e do consumo diretamente feita pelo proletariado de blusa e de farda, quando, numa palavra, se realizam e se concretizam as “utopias deliciosas e alegres”, outrora perigosas ou bonitas, mas sempre absolutamente impraticáveis, saem-se os grandes jornalistas com os olhos a saltarem fora das órbitas, a falarem em “espantosas” transformações, em “loucuras” do populacho, em “bebedeiras” de liberdade!... Assim: antes da guerra, as nossas doutrinas eram muito “bonitas”, mas irrealizáveis; ao declarar-se a guerra, estavam todas “falidas”: e agora, no começo da revolução social, quando vão tendo aplicação, são “espantosas” e “absurdas”... Não admira, pois, que a burguesia esteja irremediavelmente perdida: essa incapacidade intelectual dos seus mentores e publicistas vale por um sintoma grave e definitivo.

Os Escribas da Razão.

De todos os jornais cariocas e, com certeza, de todos os jornais do mundo, aquele que mais danada e azeda bília tem expectorado contra os maximalistas é, sem dúvida, A Razão. Dirigido por um energúmeno cômico e notório, profeta e papa espírita, semilouco e pouco menos que analfabeto, esse jornal tem, no entanto e apesar disso, uma tal ou qual popularidade, ganha com campanhas simpáticas. A sua fobia antimaximalista é duplamente odiosa; em si mesma e pelo fato de se espalhar principalmente pela massa proletária, ludibriando-s Compreendo e até alegro-me com as injúrias, por exemplo, do Jornal do Comércio: está no papel de sua falsa posição conservadora. A Razão, porém, se apregoa como um órgão para o povo, para as classes operárias: mente e remente dobrado, por dentro e por fora, para a direita e para a esquerda... Eu quero reproduzir, para escarmento dos escribas que a redigem um dos seus muitos tópicos contra o maximalismo: “Porque os tais maximalistas não são apenas uns loucos, incapazes de compreender a profunda inconveniência de, em uma hora como esta, provocar agitações políticas internas. (10) São também uns notáveis canalhas, apontados universalmente como agentes alemães e que, além disso, querem suprimir o direito de propriedade (11) na Rússia, entregando todas as terras à plebe inconsciente (12) que, levada por essa

miragem de ficar rica em poucas horas, (13) esquece os altos deveres de defender a Pátria, já invadida e em parte dominada pelo estrangeiro. Esses infelizes são dirigidos e guiados por um monstro da ordem de Lênin que se prestou ao papel ignóbil de abrir as portas da Rússia ao mais perigoso de todos os imperialismos o que tem por centro-motor a casta dominante na Rússia (14) militar. Alimentados pelo dinheiro alemão, conduzidos por espiões e pan-germanistas de Berlim, os maximalistas, conseguindo por um golpe feliz da fortuna, apoderar-se da Rússia, (15) não trepidaram ante o crime, ante a infâmia descomunal de propor imediatamente a paz (16) em separado à Alemanha, traíndo de modo revoltante os aliados, aos quais jurara o colosso moscovita (17) só agir de concerto com as nações da Entente”.

Este chorrilho ignominioso de mentiras, de intrigas, de calúnias, foi estampado na seção editorial Fatos e Informações do dia 16 de novembro de 1917, nove dias depois da caída de Kerenski (XII). É um documento que merece registro e de que nos devemos recordar para as necessárias satisfações, no dia em que a revolução, atravessando o oceano, irrompa justiceira por estas riquíssimas terras bráslicas de miseráveis e famintos...

Fora do texto

Durante o tempo de composição deste folheto, graves acontecimentos irromperam na Rússia, acarretando maiores complicações à revolução. A imprensa burguesa, que já se abrandava covardemente ante a força incontestável dos maximalistas, redobrou agora de violência e brutalidade, chegando a regozijar-se com a invasão alemã, taxando-a de “merecido castigo” e aos “traidores”, etc, etc. Mas enganam-se, redondamente, os magnatas da imprensa, supondo que a revolução russa é um motim qualquer, que se esmaga assim de uma hora para outra... A revolução russa marca o início da maior revolução social da história, e o militarismo alemão, invencível pelo militarismo aliado, há de por fim baquear, minado, inacreditavelmente pela força de desagregação revolucionária.

Não será talvez daqui a duas semanas: mas é inevitável. Os estados atuais, e com eles o Estado Alemão, modelo deles, não poderão jamais reconstituir-se, após este formidável desequilíbrio de valores produzido pela guerra...

12 de março

Notas do Autor

(1) Este comentário foi escrito a 25 de novembro de 1917. depois disso, como se tem visto, a opinião, pelo menos de alguns jornais, tem se modificado muito...

- (2) Ouvres, pp. 58-9.
- (3) A Luta, jornal burguês de Lisboa, estampou os seguintes fados biográficos sobre Lênin: “A autocracia, talvez, por instinto, descobriu um ‘inimigo terrível’ na pessoa de Lênin, quando ele não contavam mais de 17 anos de idade. Expulsou-o em 1867 (?) da Universidade de Kazan, com privação do direito de admissão em qualquer outra universidade pelo motivo de seu irmão ter sido executado como criminoso político. Lênin – cujo verdadeiro nome é Ulianov – consagrou-se muito cedo ao estudo do desenvolvimento econômico da Rússia, e muito jovem ainda, tornou-se um perigoso discípulo de Karl Marx. Escreveu muitos folhetos e livros; mas a sua principal obra é um grosso volume intitulado A Evolução do Capitalismo na Rússia, editado em 1881 com o pseudônimo de V. Iline, trabalho sobretudo acadêmico, cheio de números, todo ele apoiado em estatísticas. Mas a atividade de Lênin não se limitou à de economista sábio, e, atraído pelo movimento revolucionário, condenam-no a 4 anos de deportação na Sibéria. De regressos destas paragens, passou ao estrangeiro e fez-se chefe ativo da Social-democracia russa. (Transcrito pelo Cosmopolita, no. 15, de janeiro). (VII)
- (4) No. 11, de novembro. Este comentário, escrito a 18, foi enviado, em forma de carta, a O Imparcial. Naturalmente, a ilustre redação jogou-o na cesta dos papéis inúteis.
- (5) Jornais houve que tomavam os “maximalistas” como partidários de Máximo Gorki. Para o bestunto de tais jornalistas, “maximalistas” só podia ser derivado de “Máximo”... Gorki!
- (6) Esta nota foi escrita a 9 de dezembro e enviada a todos os jornais. Somente o Jornal do Brasil fez-me o favor de a publicar na íntegra, na sua edição de 22 de dezembro.
- (7) No. 15, de janeiro último.
- (8) Por exemplo... Tenha-se em vista que a Rússia não é uma nação, mas um grupo de nações. Os seus cento e quarenta milhões de habitantes falam 80 línguas diferentes – D. A. Bollard, vers la Russie Libre, tradução francesa de Aristides Protele, Paris, 1908.
- (9) Número de 25 de janeiro – já escrito este comentário, publicou O Imparcial (no. 2, de fevereiro) um artigo de fundo, “O Mundo Marcha”, em que há afirmações destas: “As notícias que nos chegam da Europa denunciam, no domínio das idéias (e principalmente dos fatos, digo eu), uma revolução como nunca se verificou na história da humanidade”... “atualmente é a vontade dos povos que começa a prevalecer contra os planos de seus dirigentes”... “Na vasta Rússia, o trabalhador é já senhor absoluto”... Dum modo geral, a atitude da imprensa tem mudado muito, de novembro para cá, e

essa mudança acentua-se dia a dia, num sentido vai-não-vai favorável à revolução, desdizendo-se das crispantes imbecilidades e maldades anteriores. Que remédio!

(10) Os socialistas e anarquistas estão fartíssimos de saber que a verdade histórica mostra precisamente o contrário. Já em 1870, há meio século, Bakunin escrevia isto: “A história os prova que jamais as nações se sentiram tão poderosas no exterior como nos momentos de mais profundas agitações e perturbações no interior”...

(11) Ecco! ... O que os capitalistas proprietários de A Razão não podem admitir é a supressão do sagrado direito de propriedade... Naturalmente!

(12) Que a plebe agradeça a amabilidade e tome nota, para quanto tiver de dar o troco, no dia do ajuste de contas...

(13) Que profunda concepção sociológica!

(14) Isto não tem sentido. O escriba queria naturalmente dizer Alemanha e saiu Rússia... Estaria bêbado?

(15) Os maximalistas não se apoderaram de Rússia nenhuma. Eles são a grande maioria do povo russo, único senhor verdadeiro e natural da Rússia. Kerenski e o seu bando é que se tinham apoderado indevidamente da Rússia: o que os maximalistas fizeram foi nem mais nem menos que os “desapoderar”... E o fizeram muito bem feito.

(16) Eis o resultado da infâmia: A Alemanha e a Áustria desmanteladas pela revolução interna, provocada e incentivada pelos maximalistas. É necessário frisar bem isto; em três anos e meio, os aliados, com prosápias e fanfarronadas paroleiras, nada mais conseguiram senão reforçar cada vez mais o poder do kaiserismo. Claro: à voz de “esmagar a Alemanha”, todo o povo alemão cerrava fileiras em torno do governo, fazendo-o mais forte do que nunca. Ps maximalistas, em duas semanas, com suas propostas de paz e a sua propaganda revolucionária, abriram brecha na muralha militarista germânica, semearam a discórdia interna nos impérios centrais, provocaram a revolução. Jamais esteve tão abalado e tão fraco o poder do Kaiser, como depois que os maximalistas lhe propuseram a paz... Esses são os fatos positivos e concretos, que podem escapar às vistas curtas do foliculário de A Razão, mas ai estão na consciência de todos, comprovadíssimos.

(17) O “colosso moscovita” que jurou fidelidade aos aliados foi o “colosso” dominado e manietado por Nicolau II e depois por Kerenski, não o “colosso” liberto de agora. Este nada tem que ver com os contratos firmados pelos déspotas que o imprimiam. nada tem que ver com os contratos firmado pelos déspotas que o imprimiam.